
Desafios, perspectivas e possibilidades de atuação do profissional de pedagogia no ambiente ambulatorial

SÔNIA APARECIDA DOS SANTOS PEREIRA*

DAVIDSON DE OLIVEIRA CORRÊA**

Resumo

Neste artigo, o processo alternativo de educação continuada que ultrapassa o contexto formal da escola é apresentado, partindo de experiência da atuação pedagógica em um ambulatório de atendimento hematológico. Nesse campo de atuação, surgem novas possibilidades e, conseqüentemente, desafios da prática pedagógica. O profissional de pedagogia passa a ser um importante articulador das práticas educativas que acontecem nos espaços informais, promove a educação de crianças e adolescentes que se encontram enfermos, favorecendo o processo de humanização do ambiente ambulatorial.

Palavras-chave: Atendimento pedagógico ambulatorial. Práticas educativas. Educação informal. Pedagogia não escolar.

* Pedagoga do Hemocentro de Belo Horizonte da Fundação Hemominas. E-mail: soniasape@yahoo.com.br.

** Pedagogo do Hemocentro de Belo Horizonte da Fundação Hemominas. E-mail: davidsonoliveiracorrea@yahoo.com.br.

Introdução

Durante muito tempo, a atuação do profissional de pedagogia limitou-se ao contexto escolar, pois acreditava-se que o exercício da docência seria sua única possibilidade de ação. A ausência de políticas e referências de outras áreas de atuação do profissional de pedagogia que abrangesse outras vertentes pode ser considerada como mantenedoras desse enfoque.

Atualmente, observa-se maior visibilidade da atuação do pedagogo para além da escola, abrangendo os espaços não escolares o que rompe com a ideia de que somente a docência constitui sua identidade profissional.

A pedagogia ocupa-se dos processos educativos, métodos, maneira de ensinar, mas, antes disso, ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade. Dessa forma, a pedagogia visa ao estudo sistemático da educação como uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal. (LIBÂNEO, 2007).

A educação é plural e ocorre em diferentes espaços, quer escolares, quer não escolares, de forma que onde existir a prática educativa haverá a prática pedagógica. Na sociedade contemporânea, a atuação do pedagogo aparece como um vasto campo de atuação e com uma grande diversidade de possibilidades. A atuação na área da saúde, em empresas, no terceiro setor, como nas organizações não governamentais (ONGs), em museus e parques, configura-se como um amplo mercado de trabalho e marca a necessidade de se repensar a formação desse profissional.

É nesse contexto que a Portaria n. 12, de janeiro de 2001, do Ministério da Educação (BRASIL, 2002), no seu artigo 2º, prevê a formação do pedagogo para atuar em várias áreas ou campos de atuação profissional, como na “docência, planejamento, organização, avaliação, gestão nos sistemas de ensino, escolas e outros

espaços educativos, como na produção e difusão do conhecimento no campo educacional”. Por sua vez, mais recentemente, o Conselho Nacional de Educação (CNE), na Resolução n. 1, de maio de 2006, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia e definiu em seu artigo 5º, incisos IV e XIII:

Artigo 5º O egresso do curso de pedagogia deverá estar apto a:

[...];

IV – trabalhar em espaços escolares e não escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo.

[...];

XIII – participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares. (BRASIL, 2006)

Não se trata de anular o pedagogo da sua atuação como docente, mas de possibilitar a sua entrada nos diferentes ambientes não escolares, como um articulador de ações que possibilite o desenvolvimento humano e intelectual dos sujeitos.

A educação ocorre durante toda a vida e compreende uma variedade de manifestações e atividades culturais, sociais, religiosas, políticas e não se restringe somente à escola ou à família. O pedagogo, profissional da educação, se faz presente nos diferentes espaços e âmbitos da existência individual e social. Institucionalizada ou não, a educação acontece em muitos lugares e deve ser considerada como um “fenômeno plurifacetado”. (LIBÂNEO, 2007)

Nesse contexto, a prática educativa hospitalar vem sendo adotada por instituições de saúde que se preocupam em atender crianças e adolescentes enfermos que, mesmo estando afastados do espaço escolar em virtude de sua enfermidade, não devem e não podem ter excluídos o seu direito à educação. Legalmente,

essa modalidade de atendimento se apoia na Resolução da Câmara de Educação Básica (CEB) do CNE n. 2, de 2001, que instituiu as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica cujo artigo 13 prevê:

Art. 13. Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de freqüentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio. (BRASIL, 2001b)

Assim, o atendimento pedagógico no contexto hospitalar passa a ser um processo de educação continuada que ultrapassa o contexto formal da escola. Contribui para que haja o atendimento humanizado e a ruptura da idéia do exclusivamente biológico no processo saúde-doença (MATOS; MUGIATTI, 2006). Busca levar à criança em regime de internação, ou em atendimento ambulatorial, certo conforto emocional, fazendo com que interaja com o ambiente de tratamento de forma mais participativa, além de promover a escolarização da criança hospitalizada para que não perca o ano letivo (FONTES, 2005). As intervenções propostas durante o atendimento pedagógico no hospital ou nos ambulatórios não podem ser identificadas como simples transmissão de alguns conhecimentos formalizados, pois oferece o suporte psicossociopedagógico à criança e ao jovem enfermo. Não isola o paciente aluno na condição pura de enfermo, mas, sim, o mantém integrado em suas atividades da escola e da família sendo apoiado pedagogicamente na sua condição de doente. (MATOS; MUGIATTI, 2006)

No Brasil, a educação é um direito de todos, conforme preconiza nossa Constituição. Para as crianças e adolescentes enfermos, esse direito é garantido por lei como modalidade da Educação Especial, que define as atividades de classes hospitalares para aqueles que estão em internação, ou no atendimento em hospital dia,

hospital semana, em serviços ambulatoriais, ou ainda no próprio domicílio, denominada como classe domiciliar com atenção integral à saúde. No entanto, mesmo sendo um direito garantido por lei, a educação de crianças e adolescentes internados ainda não é uma realidade na maioria dos hospitais no Brasil.

Na nova concepção de saúde, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define que, ter saúde não é apenas ausência de doença, mas o completo bem-estar físico e psicossocial dos sujeitos. Quando se promove o atendimento pedagógico às crianças e aos jovens enfermos que estão impedidos de frequentar a escola temporariamente, garante-se o direito à educação e efetiva-se esse novo conceito de saúde. Garantir a cidadania às crianças e aos adolescentes impede que eles não sejam vistos apenas como doentes e sim como sujeitos em toda sua integridade.

A atuação do pedagogo nos espaços hospitalares rompe com as concepções de que a prática educativa acontece unicamente na escola, como também com a ideia de que a área hospitalar deve ser considerada apenas um território de tratamento médico.

A exemplo disso, o trabalho desenvolvido no Ambulatório do Hemocentro de Belo Horizonte da Fundação Hemominas, cujo atendimento por intermédio de uma equipe multiprofissional, tem a participação do profissional de pedagogia.

Segundo Silva (2000), um dos objetivos do atendimento ambulatorial é acompanhar a criança na sua escolarização, oferecendo suporte para a equipe escolar em relação ao esclarecimento do diagnóstico, prognóstico, orientação quanto às adaptações e materiais necessários e sugestões de intervenções psicopedagógicas adequadas às suas necessidades.

O espaço e os atores envolvidos na prática pedagógica no contexto da saúde

A Hemominas é uma Fundação Pública Estadual referência no diagnóstico e tratamento de coagulopatias e hemoglobinopatias no Estado de Minas Gerais. As coagulopatias, como a hemofilia e as hemoglobinopatias, como a doença falciforme, são doenças congênitas e crônicas.

As doenças crônicas, embora tratáveis, geralmente trazem alto grau de sofrimento do ponto de vista médico, genético e psicossocial. Apresentam um curso demorado, são progressivas e exigem tratamento prolongado, dado seu impacto na capacidade funcional do paciente, que em geral compromete sua qualidade de vida (PEREIRA, 2008). A maioria das patologias crônicas pode deixar traumas na vida de crianças e adolescentes. Quanto mais jovens, piores são as sequelas. Em virtude dessas patologias, a criança e a família sofrem com alterações radicais na sua rotina. O cotidiano da criança muda, o brincar passa a ser substituído por processos terapêuticos, geralmente dolorosos, que o tratamento pode implicar. Em muitos casos, a trajetória escolar é comprometida dadas as ausências advindas das intercorrências da doença e mesmo de internações hospitalares.

No Ambulatório do Hemocentro de Belo Horizonte (HBH), os pacientes são atendidos por uma equipe multiprofissional, composta por médicos, enfermeiros, dentistas, fisioterapeutas, farmacêuticos, psicólogos, assistente sociais e pedagogos. (FIG. 1)

Em 1996, foi criado o serviço de pedagogia do Ambulatório do Hemocentro de Belo Horizonte (HBH) quando os profissionais que compunham a equipe evidenciaram a problemática história de “fracasso escolar”, multirrepetências, dificuldade de aprendizagem e falta de oportunidade de alfabetização de alguns pacientes. Definir a

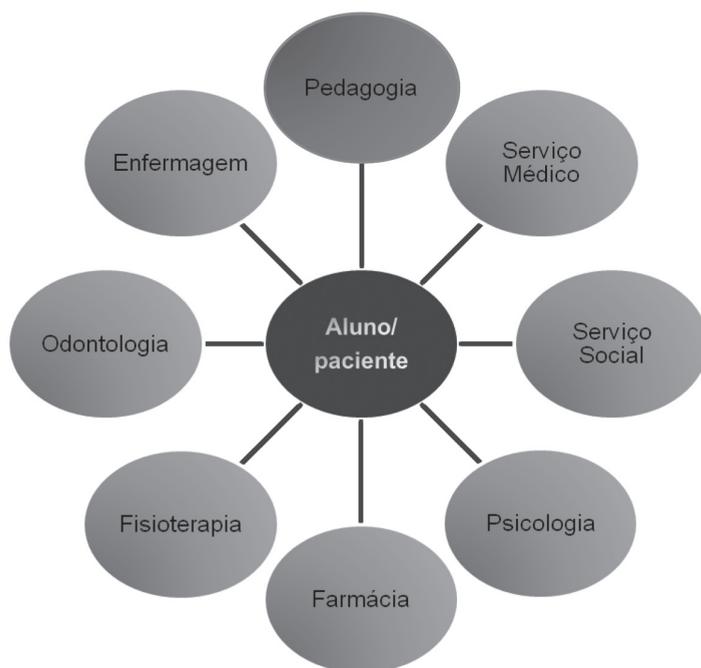


FIGURA 1 – Diagrama de atendimento multiprofissional.

Fonte: Elaborada pelos autores. 2012.

atuação de um profissional como o pedagogo no espaço hospitalar, que até então, tradicionalmente, atuava no contexto escolar, tornou-se um grande *desafio*. Diante disso, primeiramente, necessitou-se interagir com a equipe multiprofissional, realizar estudo específico das patologias de base atendidas nesse contexto, conhecer o perfil do paciente, bem como suas necessidades educativas, a fim de promover um atendimento voltado para as diferentes dimensões do ser humano, para, então, definir como atuar.

O atendimento pedagógico ambulatorial supriu as lacunas deixadas pelos tratamentos convencionais, pois passou a estabelecer o tipo de procedimento pedagógico a ser desenvolvido de acordo com as necessidades educativas do sujeito, partindo da rede de relações do paciente, na qual se encontra a família, a escola e o ambiente hospitalar.

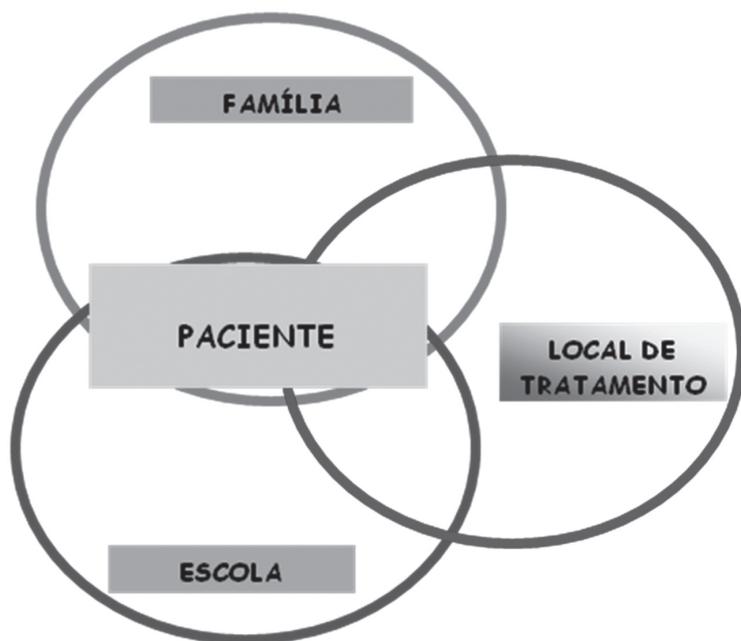


FIGURA 2 – Interfaces do atendimento pedagógico.

Fonte: Elaborada pelos autores. 2012.

O trabalho desenvolvido no binômio educação-saúde possibilitou a articulação de saberes ao profissional de pedagogia para identificar os eixos de sua atuação. São apresentados alguns desses eixos que exemplificam a atuação do profissional de pedagogia no contexto hospitalar, compreendido aqui como o espaço ambulatorial.

Eixos de atuação pedagógica

Atendimento pedagógico individual semanal

A visão do pedagogo se foca no sujeito, que é único e constrói sua história. Essa vertente acontece a partir das necessidades educativas de cada um, que, além de valorizar os seus conhecimentos

prévios, propõe intervenções para que estes sejam utilizados na busca e estruturação de novos conhecimentos e sua aplicação. Essa possibilidade de alteração no desempenho do aprendiz pela mediação pedagógica apoia e facilita o desempenho escolar. Para tanto, a interação e o diálogo entre a escola, a família e a equipe multiprofissional do local de tratamento são imprescindíveis, para o bem estar da criança e a obtenção do melhor resultado do trabalho pedagógico.



Figura 3 – Atendimento pedagógico.

Fonte: Banco de fotos dos autores. 2012.



Figura 4 – Atendimento pedagógico.

Fonte: Banco de fotos dos autores. 2012.

É fundamental que esse trabalho seja apoiado pela família, que deverá incentivar a criança confiando no seu potencial de aprendizagem, que muitas vezes está latente diante da falta de um atendimento de intervenção pedagógico adequado. Para Amaral e Silva (2008, p. 4) “não há dúvida da importância da parceria entre docentes e familiares, os quais desempenham relevante papel, como elemento de apoio e cooperação na preservação do equilíbrio possível entre os pequenos pacientes”.

A criança ou adolescente tem o direito à continuidade dos estudos. Nesse sentido, o pedagogo que atua no espaço ambulatorial deverá mediar a relação de aprendizagem da criança enferma com o corpo docente da escola, para que a prática pedagógica continue sendo trabalhada, mesmo que em uma

realidade diferente. Algumas vezes esse trabalho se desdobra em outros atendimentos como a Intervenção Escolar, Inclusão ou mesmo Encaminhamentos Específicos a outros serviços internos ou externos ao Hemocentro.

Atendimento pedagógico na sala de transfusão

Procedimentos evasivos que envolvem a transfusão sanguínea como parte do tratamento de muitas crianças e jovens impõem uma atmosfera de insegurança e medos. As salas, geralmente brancas, lembram o vazio, e os instrumentos estranhos ao cotidiano infantil tornam-se, muitas vezes, assustadores. Choros e gritos são os sons que ecoam na rotina de ambulatórios pediátricos e o não brincar é marca constante, tornando a infância invisível. As crianças podem ser reconhecidas em suas brincadeiras, pois nelas se identificam, identificam o outro, e, o brincar também pode ser identificado nelas. Nesse sentido, salienta Debortoli (1999) que quando uma criança vivencia uma brincadeira consegue materializar os acontecimentos de sua vida, seus valores e suas experiências.

A proposta de um trabalho norteado pela humanização fez emergir o projeto pedagógico *Conte Comigo* no ambiente transfusional. Nesse projeto, busca-se estimular uma postura ativa das crianças e adolescentes, levando à melhora da autoestima, a promoção do ambiente transfusional em um momento criativo e estimulador da aprendizagem. Partindo-se de um enfoque pedagógico e lúdico, as intervenções são propostas de acordo com a faixa etária, as condições físicas e cognitivas de cada paciente, respeitando-lhe o interesse. Fazem parte dessas intervenções atividades como contação de histórias, grafismos, jogos interativos (que promovam o aprendizado) e atividades pedagógicas que auxiliem o desenvolvimento escolar dos sujeitos. Nesse ambiente, como um processo alternativo de educação que ultrapassa o contexto formal da escola, busca-se levar à criança e ao adolescente um

atendimento humanizado, fazendo a ruptura da ideia do exclusivamente biológico no processo saúde-doença.

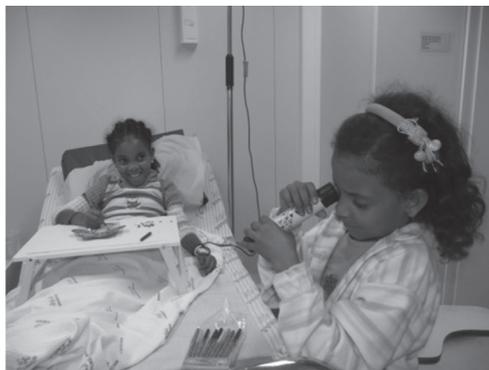


FIGURA 5 – Crianças na sala de transfusão.
Fonte: Banco de fotos dos autores. 2012.



FIGURA 6 – Intervenção pedagógica na sala de transfusão.
Fonte: Banco de fotos dos autores. 2012.

Com esse trabalho, que acontece desde 2007, observou-se a redução do estresse infantil no momento de procedimentos peculiares ao tratamento. Denotam, também, resultados satisfatórios, como o incentivo à autoria por parte da criança, a melhora da autoestima, interação paciente, família e enfermagem, a promoção do ambiente transfusional em um território criativo e estimulador da aprendizagem, além de somar esforços à equipe da transfusão no que se refere ao acolhimento.

Profissionalização

A incerteza dos aspectos do mundo do trabalho, como o mercado, o emprego e a renda, que constituem a realidade social do cenário brasileiro, refletem significativamente no modo de vida da população e acabam por dificultar ainda mais para aqueles que têm uma doença crônica. Nesse contexto, a partir de 2005, o projeto *Educação e Profissionalização: caminhos para a cidadania*, desenvolvido pela ação interdisciplinar entre profissionais dos setores de Pedagogia, Serviço Social e Médico, passou a

ser desenvolvido mediante a alocação de recursos financeiros advindos de uma premiação internacional, cuja classificação de primeiro lugar garantiu-lhe a efetivação.

Outras ações constituídas por entrevistas que possibilitaram caracterizar o perfil socioeconômico e demográfico do paciente, o levantamento do nível de interesse ocupacional e o grau de escolaridade, bem como a realização de orientação profissional e posteriormente o engajamento no mercado de trabalho, foram estratégias desenvolvidas. Para a obtenção da formação profissional, os pacientes foram encaminhados a cursos de qualificação e técnicos, que a princípio foram custeados pelos recursos da premiação e atualmente são resultantes de parcerias com escolas, que oferecem bolsas de estudo aos pacientes. A experiência desse trabalho interdisciplinar, voltado para o binômio educação-saúde, apontou para a necessidade de ações que promovam o crescimento intelectual e social do indivíduo.

Letramento digital

Na sociedade contemporânea, a tecnologia passou a ser um recurso significativo a serviço da educação. A informática se consolidou como uma importante ferramenta de acesso ao ensino e de interação para o aprendizado. Como ferramenta de estímulo para o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes próprias para o letramento, desenvolve-se esse trabalho com os pacientes que apresentam dificuldade na aquisição do processo de leitura e escrita, decorrentes de várias situações que envolvem a descontinuidade do processo escolar, sequelas neuromotoras, além de outros fatores, associados a um contexto de vulnerabilidade social. (FIG. 7)



FIGURA 7 – Sala de informática.
Fonte: Banco de fotos dos autores. 2012.

As atividades proposta no projeto *Letramento digital* apoiam as crianças e os jovens no seu processo de aprendizagem escolar, favorecendo-lhes o desenvolvimento de habilidades para leitura, escrita e raciocínio lógico. A informática pode ser considerada um complemento para o processo diagnóstico da aprendizagem, que leve ao “desenvolvimento e enriquecimento do pensamento de crianças e adolescentes, assim como o entendimento do funcionamento afetivo que está articulado com esse processo. (WEISS, 2008. p. 135)



FIGURA 8 – Medicação na sala de informática.
Fonte: Banco de fotos dos autores. 2012.

Assim, entendemos que o uso da informática e, em especial, dos softwares educativos devem ser compreendidos como um meio no processo ensino e aprendizagem, como recurso pedagógico que é. Aproveitamos este recurso para sistematizar um aprendizado significativo para os sujeitos, otimizando o atendimento pedagógico e oferecendo melhores condições para que os pacientes possam desenvolver suas potencialidades.

Acolhimento e escuta pedagógica

Diante da necessidade de controle e tratamento da doença, a família do paciente se concentra nas questões ligadas à manutenção do seu bem estar e, em alguns casos, deixa para um segundo plano os aspectos relacionados a formação escolar. Nessa realidade, foi proposto o acolhimento e a escuta pedagógica, na sala de espera do ambulatório, aos pacientes e seus familiares, com orientações quanto às peculiaridades da doença no contexto escolar. A abordagem ao acompanhante dos pacientes em idade escolar visa também orientá-los quanto aos cuidados na escola, seus direitos a uma educação de qualidade e a necessidade de incluir o aluno, considerando sua condição de saúde. Da mesma forma, busca-se conhecer a realidade do paciente em relação aos estudos (dificuldades, questionamentos, etc.), para orientá-lo e encaminhá-lo a um atendimento especializado, caso necessário. (FIG. 9)

Assim, durante o acolhimento, detectam-se casos que apresentam a necessidade de intervenções nas escolas e órgãos gestores do sistema de ensino para garantir o direito, o acesso, a permanência e o atendimento pedagógico escolar adequados.

Estágio supervisionado

O estágio supervisionado é uma estratégia didática que garante ao acadêmico melhor formação profissional para atuar no mercado



FIGURA 9 – Sala de espera e painel temático com produção das crianças e jovens. (Painel “Transformartes”)

Fonte: Banco de fotos dos autores. 2012.

de trabalho. Dessa forma, visando colaborar com a formação discente, o setor de pedagogia oportuniza estágios curriculares ou extracurriculares, colaborando com a preparação de futuros profissionais que conheçam sobre as temáticas e situações que envolvem o atendimento pedagógico na área de saúde.

Conclusão

Como se observou a atuação do profissional de pedagogia fora do ambiente escolar passou a ser uma realidade que foi concretizada de forma efetiva no atendimento ambulatorial.

O trabalho pedagógico em ambulatórios tem a característica de ser a principal mediação no processo de construção da aprendizagem da criança ou do adolescente enfermo. Essa atuação é desafiadora e mostra que o profissional de pedagogia pode ser um importante articulador das práticas educativas que acontecem nos espaços informais, garantindo a educação como um direito inalienável às crianças e aos adolescentes que se encontram enfermos, além de favorecer o processo de humanização da área da saúde.

A intervenção pedagógica realizada pelo setor de pedagogia junto aos pacientes, sejam eles crianças, sejam adolescentes ou adultos, está voltada para a compreensão global do sujeito – social, histórico, biológico, cognitivo e afetivo –, buscando na rede de suas relações e na construção de sua aprendizagem mecanismos de atuação que possam contribuir para sua inclusão social sob um enfoque educacional que lança mão de estratégias de aprendizagem que valorizem o saber já internalizado como ponto de partida para a estruturação de novos saberes. Essa valorização do sujeito cognoscente vem dar suporte a um trabalho voltado para o resgate da autoestima e construção de uma ética cidadã.

Abstract

CHALLENGES, PERSPECTIVES, AND POSSIBILITIES OF THE PEDAGOGICAL PROFESSIONAL PRACTICING IN AN OUTPATIENT SETTING

This article presents an alternative process of continuing education that goes beyond formal schooling starting with a pedagogical experience in a hematology outpatient clinic. New possibilities and challenges in teaching practice arise in this field of work. The teaching professional becomes an important spokesperson for the educational practices that take place in informal places, promotes the education of children and adolescents who are ill, and humanizes the outpatient setting.

Keywords: *Outpatient teaching service. Educational practices. Informal education. Education outside of the school setting.*

DÉFIS, PERSPECTIVES ET POSSIBILITÉS DE PERFORMANCE DU PROFESSIONNEL DE LA PÉDAGOGIE DANS UN CADRE AMBULATOIRE

Résumé

Dans cet article, le processus alternatif de la formation permanente qui va au-delà de l'école formelle est présentée à partir de l'expérience de la performance pédagogique dans un ambulatorio de traitement d'hématologie. Dans ce champ de travail, de nouvelles possibilités se présentent et par conséquent, des défis dans la pratique pédagogique. Le professionnel de la pédagogie devient un important articulateur dans les pratiques éducatifs qui ont lieu dans des espaces informels, promeut l'éducation des enfants et adolescents qui sont malades, en favorisant le processus d'humanisation du milieu ambulatorio.

Mots-clés: *Traitement pédagogique dans l'ambulatorio, les pratiques éducatives, l'éducation informelle, la pédagogie non scolaire.*

Referências

AMARAL, Daniela Patti; SILVA, Maria Teresinha Pereira. *Formação e prática pedagógica em classes hospitalares: respeitando a cidadania de crianças e jovens enfermos*. 2008. Disponível em: <<http://educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacao-saude/classes-hospitalares/WEBARTIGOS/formacao%20e%20pratica%20pedagogica%20em%20classes%20hospitalares....pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CNE/CEB n. 2, de 11 de setembro de 2001*. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, 14 set. 2001b. Disponível em; <<portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. *Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. *Diário Oficial da União*, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11. Disponível em: <portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 10 maio 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Portaria n. 12*, de janeiro de 2001. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2001a. Disponível em: <<portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. *Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações*. 2002. 35 p. Disponível em: <<portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2012.

DEBORTOLI, José Alfredo. Com os olhos de crianças: ludicidade como dimensão da construção da linguagem e da formação humana. *Licere*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 105-117, 1999.

FONTES, R. S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da Educação no hospital. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 119-138, maio/ago. 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos: para quê?* São Paulo: Cortez, 2007.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. *Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PEREIRA, Sônia A. S. *Doença falciforme: estudo da qualidade de vida dos pacientes com hemoglobina SS e SC atendidos no Hemocentro de Belo Horizonte da Fundação Hemominas*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (Ipsemg) Belo Horizonte, 2008.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. 13. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

Recebido em julho de 2012.

Aprovado em agosto de 2012